

# Schrader documenta declínio americano

Roteirista vai dar trabalho a Waltinho com seu script impecável em “Oh Canadá”, vitaminado pela atuação mais madura da carreira de Richard Gere



Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**R**oteirista de “Taxi Driver” (1976) e “Touro Indomável” (1980), Paul Schrader foi colega de Coppola na chamada Nova Hollywood,

a onda formou que revolucionou a maneira de se filmar nos Estados Unidos de 1967 a 1981, engajando o audiovisual num questionamento de práticas moralistas. O prestígio da escrita levou Schrader à direção, gerando cults como “A Marca da Pantera” (1982), “Temporada de Caça”



*Richard Gere vive um documentarista em estado terminal de uma doença em “Oh, Canadá”*

(1997) e “Fé Corrompida” (2017). Sua incursão mais recente por trás das câmeras, “Oh Canadá”, estreia hoje na seleção de títulos que caçam o prêmio

de júri popular de San Sebastián. Um de seus maiores rivais, além de “Megalópolis”, é o comovente “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, escolhido pelo Brasil para representar nosso país na corrida ao Oscar de 2025.

Schrader vai dar trabalho a Waltinho com seu script impecável, vitaminado pela atua-

ção mais madura da carreira de Richard Gere. O galã de “Uma Linda Mulher” (1990) interpreta um documentarista em estado terminal que relembra do tempo em que desertou da Guerra do Vietnã. É um estudo sobre o pacifismo e a noção de pátria.

San Sebastián termina neste sábado.

SSIFF



*Longa analisa é uma das tradições culturais mais condenadas da Espanha: as touradas*

## ‘Que venga el toro’: Albert Serra na disputa pela Concha de Ouro

Promovido à nata das vozes autorais do Velho Mundo desde que seu “Pacifiction” foi eleito o “melhor filme de 2022” pela revista “Cahiers du Cinéma”, o catalão Albert Serra entrou na disputa pela Concha de Ouro de 2024 com a experiência narrativa mais radical - e corajosa - deste Festival de San Sebastián: “Tardes de Soledad”. Seu objeto de análise é uma das tradições culturais mais condenadas da Espanha: as touradas. Sem fazer juízos de valor,

esse artesão da imagem registra uma série de “combates” travados pelo toureiro peruano Andrés Roca Rey, um jovem ídolo de reconhecimento mundial em seu campo de trabalho. Em planos longos, com muitos closes, Serra desconstrói o simbolismo de virilidade que cerca aquela prática, captando frases de fãs como “seus colhões são maiores do que a arena”, que, ouvidas no contexto estético documental, ganham tom irônico. A forma como a câmera

do fotógrafo Artur Tort (o habitual parceiro do realizador) registra a morte dos touros destroça qualquer “suntuosidade” que possa haver naquela prática brutal.

“Como Artur também é montador, seu olhar me ajuda a compreender a natureza das imagens, nas quais comentários da turma que segue Roca conduzem as cenas”, contou Serra ao Correio, explicando que não tenta fazer uma caricatura do toureiro. “Há honestidade no relato”. (R.F.)